

# **O RISCO NA REFLEXÃO: TÓPICOS PARA UMA EDUCAÇÃO SÓCIO-AMBIENTAL**

Sandro Tonso<sup>1</sup>

## **AVISO AOS NAVEGANTES E AGRADECIMENTOS**

---

Estas reflexões<sup>2</sup>, reflexões<sup>3</sup> e reflexões<sup>4</sup> têm um caráter experimental de alguém que, após anos de prática social e estudos acadêmicos em diversas searas (arquitetura, geologia, biologia, educação, música, paternidade, amizades ...), descobriu no “campo” da Sociologia Ambiental um referencial (intelectual e afetivo) bastante familiar que parece ter dado mais “sentidos” (direção e sentimento) a muitas inquietações. É claro – e ainda bem – que não as resolvi por completo, pois minha jornada de inquieto teria se acabado e, com isso, minha “profissão” (de professor) de inquietador, de causador de desequilíbrios e de “desconfortador” (principalmente sobre o “conforto das idéias estabelecidas” citando Milton Santos).

Tenho a agradecer, portanto, aos colegas que recentemente me mostraram esta “porta”: Leila Costa Ferreira e todo “seu” grupo de orientados e agregados, e TAMBÉM a duas outras pessoas que, nos últimos anos insistiam (apesar da minha aparente surdez) que esta “porta” era realmente interessante para mim: Lúcia Costa Ferreira e Marcos Sorrentino. Obrigado!

## **BREVE INTRODUÇÃO ÀS ANGÚSTIAS E ESPERANÇAS**

---

Vivemos numa época de contrastes, de paradoxos cada vez mais freqüentes, mais intensos e mais próximos do nosso cotidiano. Incômodos que, no passado, pareciam estar longe, em outro tempo e/ou espaço, mas que aparecem no nosso dia-a-dia como que dizendo constantemente “o Haiti é aqui” (de Caetano e Gil).

A “sociedade”, – este coletivo “abstrato e onipresente”, – finalmente conseguiu penetrar em todos os poros de seu próprio tecido, conseguiu impregnar sua marca em cada uma de suas “moléculas” (de Félix Guattari). No plano individual e naquele coletivo, esta

---

<sup>1</sup> Docente de Educação Ambiental do CESET/UNICAMP (Centro Superior de Educação Tecnológica da Universidade Estadual de Campinas); Coordenador de Trabalhos Comunitários na UNICAMP; Arquiteto (FAUUSP); Doutor em Ciências pela UNICAMP

<sup>2</sup> ... de “meditar, pensar demoradamente”

<sup>3</sup> ... de “ver-se num reflexo; enxergar-se como que num espelho”

<sup>4</sup> ... de “fletir de novo; redobrar-se”

marca tem se caracterizado de diversas e complexas formas: pela tecnicização (de Milton Santos), pelo materialismo, pelo individualismo, pela hierarquização, pela rapidez e superficialidade das relações, pelos conceitos maquínicos de eficiência e produtividade, entre tantos outros aspectos que por vezes são coerentes e, outras vezes, nem tanto.

Estas características, gerais na maior parte das ações, produtos e relações que se realizam atualmente, dão o caráter de nosso tempo e, para muitos, são considerados pontos positivos e desejáveis para que alcancemos o desenvolvimento de nossa sociedade humana. Ousaria dizer, por pura intuição, que boa parte das características descritas acima tem uma aceitação mecânica da maioria da população, como se a dinâmica social das relações humanas, pudesse ser regulada por (reduzida a ou materializada por) procedimentos, técnicas, índices, eficiência e produtividade. “Mas com gente é diferente” já dizia Theo de Barros em *Disparada*.

Estes parágrafos não têm um caráter alarmista, querendo dizer que “o fim está próximo”; são, mais que tudo, um apanhado geral das características presentes na Sociedade Moderna que dizem respeito mais fortemente às minhas inquietações relativas à Educação Ambiental, portanto, à minha busca de uma solução das questões ditas “ambientais”, presentes no nosso cotidiano.

Não consigo “enxergar” a tão ressaltada oposição “Ser Humano / Natureza” como uma causa prima, mas sim como uma das manifestações da dificuldade do Ser Humano em tratar com o “outro”, com o “diverso”, com aquele/aquilo que, simplesmente por *ser*, nos ameaça. Nilton BONDER (2003) nos alerta que na frase bíblica: “ama a teu *próximo* como a ti mesmo”, a palavra em aramaico que, traduzida, deu origem à expressão *próximo*, poderia ter sido traduzida por *ruim*. Desta forma, a frase poderia ser lida como: ama a teu *ruim* com a ti mesmo (!!!). Conseguiremos?

“Vivemos em sociedades repugnantemente desiguais. Mas a desigualdade não nos basta. A igualdade, entendida como ‘mesmice’, acaba excluindo o que é diferente. Tudo o que é homogêneo tende a transformar-se em violência excludente” nas palavras de Boaventura de Souza SANTOS (2001) que refletem a intolerância e o “fundamentalismo” presentes na nossa Sociedade Moderna, quase que onipresentemente.

Esta capacidade de reconhecer, valorizar, respeitar e amar o nosso *ruim*, da mesma forma como o fazemos com tudo aquilo que é igual a nós (“naturalmente” *bons*), deveria

ser o grande passo a ser dado pela humanidade, este é o objeto por excelência da Educação Ambiental, no meu modo de a conceber. Akira Kurosawa (cineasta japonês) nos “ensinou” *Dersu Uzala*, o caçador mongol que, da mesma forma que conversava com o tigre e com o vento, respeitava a próxima pessoa que utilizaria um dos abrigos públicos espalhados pela floresta, deixando ao desconhecido um fardo de lenha e um pouco de comida. Quando atingiremos este nível de humanidade, decidindo reduzir o consumo de água em nossas casas, não porque vamos economizar (\$) na conta no final do mês ou porque uma multa nos oprime, mas SIM porque alguém que desconhecemos (e que nunca conheceremos), e que mora a dezenas de quilômetros de casa, passa por racionamento de água quase todos os dias de seu ano?

É a partir destes pontos de vista e com vistas à sua superação dos conflitos neles presentes que consigo reconhecer e valorizar ações de Educação Ambiental. Sou radical! Não consigo ver, na maior parte das ações e textos de Educação Ambiental (governamentais ou não-governamentais; formais, não-formais ou informais), sequer traços destas questões acima. Com as raras e conhecidas exceções (além daquelas que ainda não nos são conhecidas), na maioria das vezes ainda estamos na superfície, tratamos das aparências e não das causas. Não que a maioria de nós discorde de tudo o que foi citado acima, mas da sensibilização à conscientização e ação, ainda há abismos quase intransponíveis que ainda nos deixam, lado a lado, das ações paliativas e inócuas das Semanas da Árvore, da Água Doce, do Índio, dos milhares de folderes distribuídos em massa, das palestras monológicas, etc.. - “daí o caráter não estritamente pedagógico, mas político” da intervenção da educação ambiental, como alerta Isabel CARVALHO (2000) sobre a necessidade de escapar do caráter simplesmente técnico das ações de EA.

---

### **ALGUNS MARCOS CONCEITUAIS PARA AS REFLEXÕES<sup>5</sup>**

Neste recente contato com alguns autores que tratam da relação entre Sociedade e Ambiente, seguramente aqueles que me estão mais próximos desenvolveram os conceitos da Modernidade Reflexiva (Anthony Giddens), da Sociedade de Risco (Ulrich Beck), da produção de Resíduos Humanos (Zigmund Bauman) e das, por muitos chamada, três Ecologias (Félix Guattari). Estes autores, principalmente neste momento de minha trajetória

---

<sup>5</sup> vide as notas 2, 3 e 4

profissional, compõem uma pequena constelação que orienta minha navegação por estas águas ricas, densas e profundas (o que não garante a diminuição do risco de afogamento ou de perda de direção).

Diversos autores definem a Modernidade ou a Sociedade Moderna. Idéias como a do desaparecimento das formas tradicionais de saber e fazer (Weber) e o conseqüente desencantamento do ser humano pelo mundo (e pela vida) traduzem bem estes tempos de tecnicização e desumanização dos processos que nos caracteriza. Complementarmente, GIDDENS (2000) afirma que a Modernidade está associada a “um conjunto de atitudes perante o mundo, como a idéia de que o mundo é passível de transformação pela intervenção humana”.

Porém, o que se vê, é que esta intervenção humana, racionalista e globalizada, não se constitui numa nova ordem “em que as certezas da tradição e do hábito tenham sido substituídas pela certeza do conhecimento racional” (GIDDENS, 2002). Estas incertezas nos conduzem a diversas ordens de “riscos”, desde àqueles inerentes às tecnologias, àqueles relacionados com as relações humanas, cada vez menos valorizadas, fugazes e reduzidas a instrumentalizações e pragmatismos de todas as dimensões.

Ao mesmo tempo, vivemos em tempos nos quais as informações circulam numa quantidade e quantidade jamais vistas. A possibilidade de acesso e o efetivo contato da população em geral com temas antes restritos às Academias, às Igrejas e às Instituições Públicas e grandes corporações acontecem em todas as comunidades e dimensões da vida cotidiana. Lembramos, por um lado, as novelas que tratam de clonagem humana e as propagandas de shampoos vendidos com a informação de que contém “ceramidas” ou, mesmo, os ovos do supermercado que contém “Omega 3”; e, por outro, as informações sobre conseqüências dos impactos ambientais de indústrias ou sobre os riscos dermatológicos de expor a pele ao sol do meio-dia. Estes fatos, porém, não implicam automaticamente a compreensão, nem de pequena parte, deste volume quase infinito de informações, mas uma inevitável reflexão (e talvez, angústia) sobre os novos fatos e, no mínimo, sobre nossa ignorância a respeito deles.

É também, retrato dos nossos tempos o surgimento das Audiências Públicas, nas quais a população é chamada para, teoricamente, opinar e questionar sobre os mais diversos assuntos que as autoridades consideram que possam ter impactos sobre suas vidas (!).

Longe de acreditar que as manifestações populares nestas Audiências, ou que as conversas sobre transgênicos nos bares ou, ainda, que os debates sobre escassez de água estejam sendo realizados com “perfeita” consciência técnica e política que estes assuntos demandariam, o fato é que estes assuntos estão nas diversas “ordens do dia” de variados grupos sociais - e isto é uma novidade! Mas, pela experiência prática em projetos sociais, me parece excessivo dizer que a Sociedade está consciente dos graves problemas ambientais, fruto de um processo de reflexão sobre estas questões.

Na possibilidade de diferenciar três momentos do caminho – individual e coletivo - para “conscientizar-se” (sim! É um verbo reflexivo e não transitivo!) eu diria que estamos na fase da sensibilização para estas questões, necessária para um processo de reflexão que levará, finalmente à valorização e conscientização sobre as ações e atitudes a serem modificadas individual e coletivamente.

Mas, ao invés de pensar somente na acepção da palavra reflexão como a de “meditar, pensar demoradamente” (HOUAISS eletrônico), podemos imaginar que a Modernidade Reflexiva diga respeito, também, a uma Sociedade que se reflete (como que num espelho) e se vê, reconhece suas belezas e feiúras e inicia a construção de sua própria identidade (sempre individual e coletiva) ou, ainda, no ato de dobrar-se (fletir) sobre si próprio, “concentração do espírito sobre si próprio, suas representações, idéias, sentimentos” (HOUAISS eletrônico).

A construção da identidade se faz no reconhecimento e concentração na diferença, no reconhecimento e respeito à alteridade, na aceitação do “outro”, do diferente de mim. Caso contrário, sem a diversidade, um ser não poderia se distinguir de outro, reconhecer suas especificidades, suas idiossincrasias, aquilo que o torna único. É na relação com o diverso que se constroem as identidades.

“Hegel, quando nos fala da doutrina do conceito, nos remete a uma expressão que ele define como determinação reflexiva. Esta determinação reflexiva se constitui nos opostos que se determinam mutuamente, como por exemplo: o particular e o universal, a singularidade e a pluralidade, o finito e o infinito, o relativo e o absoluto, o positivo e o negativo, a permanência e a mudança, o mais e o menos, constitui nos jogo de contradições, em que a realidade se apresenta. Toda a realidade está submetida ao conflito dos opostos, e só se pode entender a realidade como uma unidade formada por estes opostos, como

permanência e devir. Portanto, todos os seres estariam sujeitos a esta dualidade, alteridade.” (AMORIM, 2002).

Neste momento de construção da identidade, do confrontar-se com o “outro”, reflexo da nossa própria existência para nele reconhecer as diferenças e as características que nos são próprias, está instalado um dos grandes “riscos” da nossa Sociedade. Com valores e atitudes desvinculadas de uma tradição familiar ou social, geralmente construídos no âmbito de uma sociedade tecnológica, industrial, anônima, impessoal e materialista, os valores que nos definem nos são, geralmente, externos e pouco familiares. Somos frágeis, pois não temos mais o “controle” dos processos que determinam nossos próprios valores e atitudes.

Desta forma, ao lado dos “riscos tecnológicos” que caracterizam nossa Sociedade Moderna (BECK, 1992), os riscos da completa desestruturação pessoal e social estão na ordem do dia, seja pela imposição de valores estranhos a nós mesmos, seja pelo conhecimento e confronto diário com diferentes formas sociais vindas pela abundância de informações, pela globalização comercial e industrial e pela mobilidade de grupos de excluídos. Desta forma, criam-se condições para que indivíduos e grupos aceitem mais facilmente posições fundamentalistas, nacionalistas e xenofóbicas como forma de “defesa” de suas identidades.

Os grupos que não conseguem se “defender”, isolando-se ou excluindo os diferentes, são os que acabam sendo excluídos geograficamente e/ou socialmente. BAUMAN (2003) destaca a produção de resíduos humanos da sociedade moderna como uma tendência antiga, porém cada vez mais visível. Toda tentativa de criar ordem produz, conseqüentemente, aquilo que não se encaixa na ordem, os resíduos. Quando os “resíduos” são pessoas que não se ajustam aos padrões determinados, historicamente, havia porções de terra no mundo para que estas pessoas pudessem exercer suas diferenças sem incomodar a “ordem” vigente. Mas, num mundo globalizado, no qual uma única “ordem” se faz presente em todos os espaços, a destinação final dos resíduos humanos acaba sendo feita nos próprios espaços que os produziram. É a produção “natural” de excluídos sociais, econômicos, políticos, culturais... pessoas que perderam a identidade por não conseguirem (ou não quererem) se igualar aos que lhes são diferentes.

A perda, na verdade, é dupla, pois com a perda da diferença perde-se, também, a nossa capacidade de flexibilidade, perde a riqueza da diversidade cultural que, analogamente à biodiversidade, daria estabilidade e capacidade de evolução aos sistemas sociais.

Finalmente, com Félix GUATTARI (1990), compreendemos que estas questões fazem parte do que ele chama de *ecosofia*, ou seja, “uma articulação ético-política entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões”. Guattari afirma ainda que “não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção dos bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala mas também os domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo.” Por domínios moleculares, Guattari entende as pequenas células de organização social, desde o indivíduo até os grupos de amigos, as senhoras de um clube de costura, os cooperados em qualquer atividade, lembrando fortemente Ulrich BECK (??), quando define as “sub-políticas”, o retorno do indivíduo à sociedade, não pelo lado do individualismo, mas pelo lado da organização social, na qual cada indivíduo se reconheça com parte integrante e ativa, em oposição ao atual desaparecimento das individualidades nas ações de massa e na produção homogeneizada.

Tudo isto posto, parece difícil de aceitar que haja uma real oposição entre “Ser humano” e Natureza; costumo afirmar em aula ou nos trabalhos de Educação Ambiental com comunidades que não há empreendimento humano cujo objetivo seja a desertificação de solos, a poluição das águas ou a depleção dos recursos naturais. Na base destas atitudes de destruição da natureza, que realmente ocorrem, sustentando-as e fazendo uma espécie de cortina de fumaça estão duas características significativas destes nossos tempos: a falta de percepção de que tudo está ligado e a falta de respeito para com o “outro”.

A quase totalidade das nossas atitudes social e ecologicamente impactantes, além de serem fruto dos esforços da conjugação do polegar opositor com o tele-encéfalo altamente desenvolvido (citando o irônico curta-metragem de Jorge Furtado, *Ilha das Flores*) são decorrentes de uma articulação entre esta visão simplificadora (não complexa)

do mundo e da negação absoluta de tudo e todos que sejam diferentes dos padrões. Neste sentido, até mesmo algumas religiões, ao pregarem o amor ao próximo ou ao semelhante contribuem nesta dificuldade de amar e respeitar o distante e o não-semelhante.

Desde as questões como jogar lixo nas ruas, “varrer” as calçadas com a água ou, ainda o desrespeito no trânsito até a localização dos lixões, o menosprezo do papel do Estado como regulador destes conflitos ou um sistema produtivo (e de serviços) que coloca o mercado como prioridade de atenção, estas questões todas podem ser analisadas em última instância como decorrentes de uma visão compartimentada do conhecimento e da realidade e uma postura excludente socialmente falando.

### **O SENSO COMUM DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

A maior parte das ações de Educação Ambiental e a concepção comum de Educação Ambiental nos mostra uma realidade bastante diferente das questões anteriormente citadas. Utilizo como base empírica minha experiência de 10 anos participando e/ou coordenando projetos comunitários ligados à Educação Ambiental em diversos estados do Brasil e nas periferias de Campinas e região e 7 anos como responsável pela disciplina Educação Ambiental no ensino superior, na UNICAMP.

A Universidade Estadual de Campinas, por intermédio do CESET – Centro Superior de Educação Tecnológica, oferece desde 1998 uma disciplina de Educação Ambiental. Inicialmente oferecida somente como disciplina obrigatória para os graduando em Saneamento Ambiental, já em 1999 foi oferecida como eletiva (optativa) para os alunos de todos os cursos de graduação e pós-graduação (além de alunos especiais, vindos de fora da UNICAMP e, eventualmente, profissionais atuando em empresas públicas e privadas na área). Esta disciplina, semestral, já foi oferecida mais de 20 vezes, atingindo um total de mais de 700 alunos de mais de 20 áreas de conhecimento diferentes, como: Educação Física, Biologia, Filosofia, Artes, Turismo, Engenharia de Alimentos, de Computação, Ciências Sociais, Física, ...

Nestes anos de atuação como responsável pela disciplina, procurei iniciar os trabalhos com uma mesma pergunta: “o que é Educação Ambiental e para que serve?”. De modo análogo, nos trabalhos comunitários desenvolvidos tanto no ensino formal quanto no

não-formal no contato com as mais diversas populações sempre foi questionado o que é e qual o sentido da Educação Ambiental.

Majoritariamente, a Educação Ambiental é vista – nestes âmbitos nos quais pude levantar dados – como a transmissão de conhecimentos necessários para melhorar a relação entre o “Homem” e a Natureza, de modo a conservá-la e/ou recuperá-la. Normalmente, a Natureza é considerada em oposição ao “Homem” e seu desenvolvimento.

Este tipo de conceito de Educação Ambiental justifica certas características de ações de Educação Ambiental realizadas tanto pelo poder público, quanto por ONGs, seja no ensino formal ou não: palestras “conscientizadoras”; folderes informativos; eventos de massa; cursos de “educação ambiental” (na verdade de explicação de problemas ambientais). Da mesma forma, a ação de educadores ambientais se reveste destas mesmas características.

Nos trabalhos desenvolvidos na disciplina, é muito comum o aparecimento de ações coercitivas ou econômicas para “conscientizar” a população sobre o que eles “deveriam” fazer. Nos trabalhos com comunidades, é freqüente a crítica às nossas equipes que não vêm com os “cursos” prontos e sempre propõem um diagnóstico rápido participativo para início dos trabalhos. A participação aberta de todos, neste momento inicial das ações, geralmente é encarada como ineficiente e como um atraso para o “início” dos trabalhos.

Ainda é freqüente, portanto, uma visão de uma Educação Ambiental mecânica que busca eficiência, transmissora de conhecimentos, reforçadora de hierarquias entre pessoas e seus conhecimentos, ou seja, como uma ação técnica, desenvolvida por um profissional técnico ou que detenha os conhecimentos necessários. De modo análogo, espera-se que estas ações realizadas junto aos grupos sociais mudem os comportamentos simplesmente pela repetição de informações e pelo reforço comportamental de atitudes “corretas”.

O problema não está especificamente na Educação Ambiental, mas no próprio conceito histórico de “educação escolar”. O sociólogo Robert KUTZ (2004) assim define: “a ‘escolarização’ da sociedade não foi um presente civilizador generoso para as pessoas, mas parte do processo designado na literatura crítica pelo conceito de ‘colonização interna’”. A submissão externa do mundo por parte do Ocidente vem de par com uma flagelação interna do próprio homem ocidental para se converter em ‘material’ da valorização

capitalista”. Se compreendermos que a escola pública – “direito de todos” - nasceu durante as origens da revolução industrial, como modo de conformar as massas a uma oferta em série (vinda da produção de massa), fica mais fácil compreender porque se imagina que basta transmitir uma boa quantidade de conhecimentos e estabelecer uma série de prêmios e castigos por determinados comportamentos para se ter um programa de Educação Ambiental em consonância com toda uma filosofia vigente de educação.

Porém, para fazer frente às questões levantadas anteriormente sobre a Modernidade reflexiva (e os confrontos com as diferenças), sobre os riscos dela decorrentes (inerentes à nossa construção de individualidade e autonomia) e sobre a exclusão de pessoas, de idéias e de valores, temos que assumir o papel de Pedagogos da Autonomia como sugeriu Paulo Freire em Pedagogia da Autonomia, entre tantas publicações que reforçam estas idéias.

### **TÓPICOS PARA UMA EDUCAÇÃO SÓCIO-AMBIENTAL**

---

Partindo de Paulo FREIRE (1996), pode-se citar uma seleção dos tópicos tratados no livro, como forma de compreensão de seus princípios e o quanto eles se adequam a uma proposta de Educação Ambiental que procure superar as contradições sociais apresentadas no início deste trabalho: “ensinar exige criticidade”, “ensinar exige respeito aos saberes e à autonomia dos educandos, “ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, “ensinar exige consciência do conhecimento inacabado, “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, “ensinar exige saber escutar”, “ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica” e, finalmente, “ensinar exige disponibilidade para o diálogo”.

Deste conjunto de valores e princípios educativos, depreende-se que não é possível realizar um processo de educação sem, por exemplo, conhecer os educandos, sem saber como pensam e, amorosamente – nas palavras do próprio Paulo Freire – reconhecer o seu valor e uma capacidade para o diálogo. Ou seja, não importando com quem realizamos uma interlocução precisamos estar conscientes de que existe uma capacidade para o diálogo e um valor inerente ao fato de que cada um é ser humano com seus condicionantes e seus desejos.

A diferença fundamental que se quer ressaltar é que não se pode considerar a comunidade como “público alvo” e tampouco “objetos de nossa ação”. Estes dois conceitos, normalmente, colocam as comunidades “alvos” a serem acertados por uma ação unidirecional, ou como “pacientes” de um projeto externo a eles próprios. Com uma postura claramente construtivista, esta proposta de Educação Ambiental concebe e pratica a idéia de “sujeitos”, protagonistas de suas próprias vidas, com o apoio, necessário porém não diretivo, das entidades parceiras. Desta forma, desde a concepção do projeto, a comunidade já assume o papel de parceiros de um movimento que, voltados para um segmento, reconstrói toda a sociedade.

Nos projetos de Educação Ambiental desenvolvido pela Universidade (e mesmo na relação que se estabelece dentro da disciplina) faz-se frente a quatro características da relação Universidade/Sociedade:

- uma opção Política de Universidade, voltada para interesses da Sociedade ou das corporações voltadas para Tecnologia e Capital;
- a existência de uma hierarquia – a priori – entre as diversas formas de conhecimentos construídos pela humanidade ;
- a fragmentação destes conhecimentos, isolando-os e,
- as dificuldades de linguagem e tipos de pensamento utilizados.

Sem um enfrentamento, em princípio, destas questões, me parecem inócuos os esforços de projetos de Educação Ambiental, pois esbarrarão no desrespeito para com as comunidade parceiras, na imposição de idéias externas (o que leva à sua aceitação maquínica ou à sua recusa a priori), no reforço da fragmentação da sociedade, todos fatores imprescindíveis para uma Educação Sócio-Ambiental transformadora e fomentadora da autonomia. Desenvolvendo os princípios apresentados na Pedagogia da Autonomia, realiza-se um processo de Educação Ambiental muito mais lento que os que agora se apresentam às dezenas, mas muito mais denso e duradouro.

---

### **UM EXEMPLO: A POTABILIDADE DA ÁGUA**

Um breve exemplo de atividade que procura desenvolver todas as questões acima citadas é um trabalho que realizo com o texto que se segue:

## DA NATUREZA DA ÁGUA<sup>6</sup>

1. Há duas qualidades de água: a água pura e a água “em solução”, por exemplo, o suco de melancia, ou a essência de rosas, ou a água lodosa. A água pura divide-se em cinco categorias: água estagnada, em quantidade suficiente para purificar; água estagnada em quantidade insuficiente; água corrente; água da chuva; água do poço.
2. Água purificadora<sup>7</sup> é a quantidade de água contida num recipiente cujo comprimento, cuja largura e cuja profundidade medem, cada uma,  $3 \frac{1}{2}$  *vadjab*<sup>8</sup>. Essa quantidade de água deve ter um peso de 128 *man menos 20 mesghal*, o que equivale a 383 quilos e 906 gramas.
3. Se essa água mudar de sabor, de cheiro ou de cor devido a contatos impuros, como, por exemplo, com o sangue ou a urina, torna-se impura; mas, se mudar indiretamente de cheiro, de cor ou de sabor, devido a uma matéria impura, por exemplo, se o seu cheiro se modifica pela proximidade de uma matéria em decomposição, permanecerá pura.
4. A água poluída pelo sangue, pela urina ou por outras impurezas, e que, por isso, mudou de cheiro, de cor ou de gosto, é purificada pela água corrente ou pela água da chuva trazida pelo vento, ou arrastada por uma calha, e retoma as suas propriedades purificadoras.
5. Há duas maneiras de provar que a quantidade de água é suficiente para ser purificadora: estar-se pessoalmente convencido disso, ou fazer com que dois homens dignos de fé o afirmem.
6. A água que serve para lavar o orifício urinário e o ânus permanece pura em cinco casos: a) se não tiver cheiro, a cor ou o sabor da urina ou das fezes; b) se a impureza exterior não a tiver contaminado; c) se alguma outra matéria impura, como o sangue, não tiver saído do ânus ou do orifício urinário, ao mesmo tempo que os excrementos ou a urina; d) se pedacinhos de excremento ou de urina não forem visíveis na água; e) se os excrementos que tenham tocado o ânus não tenham sido abundantes do que de ordinário.
7. A água corrente, mesmo quando a sua quantidade não atinge a da água purificadora, permanece pura, isto é, potável, quando contém excremento ou urina, desde que essa mistura não lhe modifique o cheiro, a cor ou o sabor.
8. No caso de excrementos, urina ou outras impurezas terem poluído a água corrente, só a parte que mudou de cheiro, de cor ou de sabor fica impura. O resto permanece puro.
9. No caso de excrementos, urina ou qualquer outra impureza se encontrarem sobre o telhado de uma casa e forem arrastados pela chuva, a água dessa chuva, se continuar a cair e a se escoar diretamente no telhado ou pela calha, permanecerá pura. Mas, se a chuva parar, a água que continuar a correr, e que se saiba ter tocado as impurezas existentes sobre o telhado as impurezas existentes sobre o telhado, será impura.

O texto é apresentado aos participantes sem fonte, inclusive sem responder a perguntas do tipo: mas o texto é “real” ou foi escrito por você? É unicamente explicado que se trata de um teto sobre padrões de potabilidade de água: a água purificadora é a água potável.

---

<sup>6</sup> Por favor, não olhe a autoria até terminar de ler o texto, permita-se navegar pelo desconhecido, um pouco...

<sup>7</sup> Kor

<sup>8</sup> Aproximadamente 70cm

A solicitação que é feita aos participantes é:

- procurem fazer um grupo com as pessoas com quem normalmente vocês não conversam, ou com aquelas que têm uma formação ou atuação diferente da sua;
- discutam entre si e procurem caracterizar uma sociedade na qual estes padrões de potabilidade de água sejam possíveis, aceitáveis. Pensem em um local, num tempo, e nas características da política, da sociedade, da econômica, da tecnológica, da educação, da cultura, do lazer, das relações humanas, etc.

Os participantes têm, aproximadamente, meia-hora para discutir e apresentar ao conjunto dos participantes suas conclusões. As discussões que se seguem são muito interessantes, pois se num primeiro momento aqueles nove padrões nos parecem totalmente absurdos e estranhos, com o passar das discussões alguns deles passam a ser, ao menos compreendidos, eventualmente aceitos e até reconhecidos como próprios e familiares. Com qualquer uma das opções, o importante terá sido o exercício de compreensão de uma realidade estranha à nossa, a aceitação tal como é e o desenvolvimento de uma capacidade de diálogo com ela. O exercício de “criar” uma sociedade a partir de um de seus “produtos” leva ao desenvolvimento da capacidade de deslocamento de pontos de vista, procurando compreender o “outro”, antes de julgá-lo, excluí-lo, ou mesmo ignorá-lo.

Após a apresentação de outras atividades consonantes com estes princípios, procurando sensibilizar as pessoas por diferentes canais de percepção: textos, músicas, pinturas ou debates geralmente é lida a poesia que se segue na próxima página.

Estes são alguns tópicos, nascidos da prática e da reflexão sobre as questões da Educação Ambiental que exemplificam o esforço intelectual e afetivo de compreender a Sociedade em que vivemos para poder, por intermédio de uma Educação Ambiental politizada e comprometida, transformá-la.

## TRANSMIGRACION

(Oliviero Gironde, poeta argentino)

*Aunos les gusta el alpinismo. A outros les entretiene el dominó. A mí me encanta la transmigración.*

*Mientras aquéllos se pasan la vida colgados de una soga o pegando puñetazos sobre una mesa, yo me la paso transmigrando de un cuerpo a otro, yo no me canso nunca de transmigrar.*

*Desde el amanecer, me instalo en algún eucalipto a respirar la brisa de la mañana. Durmo una siesta mineral, dentro de la primera piedra que hallo en mi camino, y antes de anochecer, ya estoy pensando la noche y las chimeneas con un espíritu de gato.*

*¡Qué delicia la de metamorfosearse en aberrojo, la de sorber el polen de las rosas! ¡Qué voluptuosidad la de ser tierra, la de sentirse penetrado de tubérculos, de raíces, de una vida latente que nos fecunda.... y nos hace cosquillas!*

*Para apreciar el jamón ¿no es indispensable ser chancho? Quien no logre transformarse en cavallo ¿podrá saborear el gusto de los valles y darse cuenta de lo que significa “tirar el carro”?.....*

*Poseer una virgen es muy distinto a experimentar las sensaciones de la virgen mientras la estamos poseyendo, y una cosa es mirar el mar desde la playa, otra contemplarlo con ojos de cangrejo.*

*Por eso a mí me gusta meterme en las vidas ajenas, vivir todas sus secreciones, todas sus esperanzas, sus buenos y malos humores.*

*Por eso a mí me gusta rumiar la pampa y el crepúsculo personificado en una vaca, sentir la gravitación y los ramajes con un cerebro de nuez o de castaña, arrodillarme en pleno campo, para cantarle, con una voz de sapo las estrellas.*

*¡ Ah, el encanto de haber sido camello, zanahoria, manzana, y la satisfacción de comprender, a fondo, la pereza de los remansos... y de los camaleones!...*

*¡ Pensar que durante toda su existencia, la mayoría de los hombres no han sido ni siquiera mujer!... ¿Cómo es posible que no se aburram de sus apetitos, de sus espasmos y que no necesiten experimentar, de vez en cuando, los de las cucarachas.... los de las madre selvas?*

*Aunque me he puesto, muchas veces, un cerebro de imbécil, jamás he comprendido que se pueda vivir, eternamente, con un mismo esqueleto y un mismo sexo.*

*Cuando la vida es demasiado humana - ¡únicamente humana!- el mecanismo de pensar ¿no resulta una enfermedad más larga y más aburrida que cualquier otra?*

*Yo, al menos, tengo la certidumbre que no hubiera podido soportarla sin esa aptitud de evasión, que me permite trasladarme adonde yo no estoy: ser hormiga, jirafa, poner un huevo, y lo que es más importante aún, encontrarme conmigo mismo en el momento en que me había olvidado, casi completamente, de mi propia existencia.*

## BIBLIOGRAFIA

---

AMORIM, Wellington Lima “A Influência de Parmênides e Heráclito na Lógica hegeliana”  
Trabalho publicado pelo Centro de Documentação Européia – CDE/IFCS – UFRJ,  
Programa de Estudos Europeus.

BAUMAN, Zygmunt “Resíduos Modernos das nações” in FSP, Caderno MAIS,  
23/11/2003, pág.3

BECK, Ulrich “Risk Society. Towards a New Modernity” London, Thousand Oaks e Nova  
Delhi: SAGE Publication, 1992

BECK, Ulrich “The Reinvention of Politics” London: Polity Press, ??

BONDER, Nilton “A ditadura do bom” FSP, Tendência e Debates, pg.3 – fev. 2003

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura “A questão ambiental e a emergência de um campo  
de ação político-pedagógico” in Loureiro C.&LAYRARGUES, P&CASTRO, R.  
(org) “Sociedade e meio ambiente” São Paulo, Cortez, 2000

FREIRE, Paulo “Pedagogia da Autonomia” São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998.

GIDDENS, Anthony e PIERSON, Christopher “Conversas com Anthony Giddens” Rio de  
Janeiro: FGV Editora, 2000

GIDDENS, Anthony “Modernidade e Identidade” Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2002

GUATTARI, Félix “As três Ecologias” Campinas: Papyrus Editora, 1990

KUTZ, Robert “O efeito colateral da educação fantasma” in FSP, Caderno MAIS, pg.18,  
11/04/2004

OBS.: O texto “Da Natureza da Água” foi extraído do livro “O Livro Verde dos Princípios  
Políticos, Filosóficos, Sociais e Religiosos” do Aiatolá Khomeini, da Editora Record, 1979  
– tradução do Persa para o Francês de Jean-Marie Xavière e do francês para o Português, de  
Vera Neves Pedroso